

A CATEDRAL DE SAL

Rubem Braga

UMA das coisas que mais me impressionaram em minhas viagens foi a Catedral do Sal, no interior da montanha de Zipaquirá, nos arredores de Bogotá.

A história é esta: a montanha de Zipaquirá é toda feita de sal-gema; antes de chegarem os espanhóis, os índios já cavavam túneis em seu seio. Hoje esses túneis são imensos, e formam no interior da montanha um labirinto escuro em que se pode tráfegar de automóvel, mas com muita atenção, porque o erro de um instante vos levará a rodar eternamente à busca de uma saída no mistério subterrâneo até o fim de vossa paciência, de vossa gasolina e de vossa esperança em Deus.

Os mineiros que abriram esses túneis, e ainda continuam cavando a pedra de sal, respiram uma poeira de pedra carregada de enxofre e se sentem como se estivessem cavando seu caminho para o inferno. E muitas vezes o inferno veio mesmo: um ronco surdo, uma pedra imensa que se arria sobre aqueles montinhos de homens na escuridão, gritos e gemidos que se abafam.

Foi o medo de morrer que levou alguns mineiros, no fim de um túnel abandonado, a fazer a ogiva de uma capela; para ali levaram uma santa e lhe acenderam aos pés uma vela, e antes do trabalho vinham um instante orar a seus pés — orar para não morrer. Um arquiteto viu aquilo e conseguiu que o Banco da República lhe desse os meios para transformar a capela dos mineiros em uma catedral subterrânea. Isso foi feito. Não era preciso levar lá para dentro da montanha nenhum material de construção: era preciso tirar. Ia-se tirando o sal-gema que não é usado apenas para salgar a comida do povo, mas também para fazer barrilha e soda cáustica para as indústrias do país. E assim foi crescendo no ôco da montanha a pasmosa catedral — chão de pedra-sal, paredes de pedra-sal, colunas de pedra-sal, altares de pedra-sal, abóbadas altíssimas e imensas de pedra-sal; é uma pedra cinza-escura onde, às vezes, à luz que se projeta, brilha uma espuma branca de sal, como se a pedra-sal suasse espuma de sal. Aqui o que se construiu foi apenas o vão, o espaço, o ar, o ôco; é uma grande e nobre catedral de ar cercada de sal, coberta de sal — e o som do órgão, se perde e se reencontra, e ecoa estranho na penumbra, na imensidão subterrânea; e a gente sente uma grandeza humilde.

RN 39#
RN 627
M 700

O Dia 17.11.90
SP

DN - 20.8.67

"O Fluminense" 10 de Agosto 1947

DN - 3.12.59

338